

A MARÉ TAÍ! EXPERIÊNCIAS DAS MARISQUEIRAS DE SALINAS DA MARGARIDA (1960-1990).

ROSANA COSTA GOMES*

O crescimento da conscientização do valor próprio e a necessidade do trabalho impulsionaram as mulheres a irem à luta por sua sobrevivência. Em muitos momentos, isso também significava a sobrevivência do seu lar. Como expressa Maria Odila, ao abordar a sociedade paulista no século XIX: “Mulheres pobres, sós, chefes de família, viviam precariamente de trabalho temporário, antes como autônomas do que como assalariadas”. (DIAS, 1995: 15). Marginalizada nesse processo produtivo brasileiro, a mulher sofreu por um longo período a ausência de condições favoráveis ao seu desempenho em atividades que lhe rendessem um salário digno, de reconhecimento social e de igualdade no mercado de trabalho.

Assim, continua Maria Odila, “multiplicavam-se mulheres pobres que o sistema social era incapaz de absorver e que apenas tangencialmente se inseriam na sociedade escravista”. (DIAS, 1995: 111). No entanto, no que diz respeito às mulheres das classes dominantes daquele período, a historiadora aponta alguns exemplos que, “longe de ser uma história de clausura e passividade” (DIAS, 1995: 104)¹, muitas mulheres exerceram papéis fundamentais na organização de seus lares, de suas propriedades, bem como na política local.

No decorrer dos séculos, a participação da mulher no processo produtivo é cada vez mais marcante. São elas que respondem sozinhas em muitas localidades pelo sustento de seus lares. Os estudos realizados por Tânia Cunha fornecem os seguintes dados:

No Brasil, quase 25% dos lares são, atualmente, chefiados por mulheres. As estatísticas confirmam que justamente nas camadas mais pobres encontra-se o maior contingente de mulheres que respondem sozinhas pelo provimento da família. Existem evidências que esse fenômeno tende a se ampliar na medida em que nos aproximamos da zona rural e da periferia das áreas metropolitanas. (CUNHA, 2001: 270-271)

* Universidade do Estado da Bahia. Especialista em História Regional e Mestre em História Regional e Local.

Em informações fornecidas pelo IBGE no ano de 1987 era de 21,1% o número de famílias sustentadas por mulheres. Em 1996 esse percentual aumentou para 25,23%. (IBGE – Pesquisa de Orçamentos Familiares). Estes dados apontam o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e sua aptidão como sustentáculo de lares. Fatos que determinam esta realidade social, segundo as análises de Cunha, são as separações, a viuvez, as mães solteiras, os parceiros que não conseguem sozinhos sustentar os lares.

Na conjuntura social brasileira em que cresce largamente a participação feminina no mercado de trabalho, as marisqueiras de Salinas da Margarida constituem-se um segmento desta realidade. Praticantes de uma atividade que vem de tempos longínquos, existentes em inúmeras partes do litoral brasileiro, são mulheres envolvidas em um cotidiano de trabalho regido pelo movimento das águas do mar.

Trata-se de uma marcação cronológica do briqueitar da vida que, assemelha-se às considerações elaboradas por Thompson quanto à temporalidade no porto marítimo: “a padronização do tempo social no porto marítimo observa os ritmos do mar; e isso parece natural e compreensível para os pescadores ou navegantes: a compulsão é própria da natureza.” (THOMPSON, 1998: 271). É ela quem delega o tempo que as tarefas devem ser realizadas. As atividades da vida diária se alongam e se estreitam de acordo com o vai-e-vem das marés. Essa noção de tempo é vivenciada pelas marisqueiras em Salinas.

Em Salinas da Margarida, a mariscagem de catar chumbinho é em grande escala praticada por mulheres, tendo elas desempenhado um papel importante para o desenvolvimento histórico-cultural local. A atividade desenvolvida por elas envolve relações de trabalho em grupo e perpetua uma tradição vivida por várias gerações e que é marcada por aspectos próprios, referenciando a luta pela sobrevivência das marisqueira e suas famílias. São mulheres populares, algumas chefes de famílias, que sobrevivem do fruto do seu trabalho.

Lembrando o testemunho de Dona Francisca o costeiro está sempre cheio de chumbinho para quem precisa e não tem preguiça. Esta reflexão manifesta a leitura que faz do mar, tendo-o como bem comum e fonte de sustentação para aqueles que assim quiserem. Nesse sentido, “a natureza é perfeita na medida em que tudo que a ela pertence tem uma função própria e fundamental para a harmonia do todo.” (SILVA,

2000: 30). Com muita propriedade outro morador de Salinas, o Senhor Raimundo Nonato reafirmou essa análise: “Deus pisou aqui, botou essa maré aqui, ninguém morre de fome , só muita preguiça! Porém se quiser trabalhar, amanheceu o dia vai pegar seu siri, vai pegar seu chumbinho, seu rala-coco, sua lambreta e aí por diante.”(FERREIRA, 2003). Esse senhor refere-se às terras salinenses como espaços sagrados, como terras que foram pisadas por Deus, o qual cuidou de nunca deixar faltar o pão de cada dia para a população carente. O tom é o mesmo de Dona Francisca ao tentar mostrar como é significativa a riqueza do chumbinho em Salinas:

Esse chumbinho, esse chumbinho nunca falta. O pessoal fica se queixando, mas ele nunca falta, não é uma nem duas pessoas, é várias. Quantas mil pessoas têm aqui em Salinas? Se tira de ponta de dedo que em uma casa não vá duas ou três pessoas e outras vai a casa toda. Então, acha todos os dias e não tem tempo ruim pra eles, pra o chumbinho não tem tempo ruim. Na hora que o costeiro tá ruim, um dia, no outro dia que vai o costeiro tá melhor. (SANTOS, 2002).

Dona Francisca com 58 anos de idade, aposentada, conta da grande abundância do marisco e confirma a importância deste alimento na vida das famílias salinenses e que para consegui-los é preciso que tenham coragem para irem à busca daquilo que a natureza com gratuidade extensivamente oferta. O costeiro, referenciado é o local onde elas coletam os mariscos. Ela conta, no decorrer da conversa, que no tempo em que mariscava, os mariscos por ela catados eram os siris e ostras; o chumbinho pegava em menor quantidade. Os filhos que a acompanhavam nas jornadas do trabalho, pegavam uma quantidade pequena, pois eram crianças e não tinham a mesma desenvoltura dos adultos, mas mesmo assim já ajudavam.

Quando foi entrevistada tinha dez anos que havia deixado de mariscar e seis que havia ficado viúva. Deixou a mariscagem por apresentar problemas de saúde, sentia fortes dores na coluna e ficava tonta ao abaixar a cabeça. Mesmo não podendo mariscar, ela continuou extraindo o seu sustento do mar, exercendo a função de ganhadeira, comercializava os mariscos que outras marisqueiras catavam e os levava para vender em Salvador. Batia de porta em porta para vender os mariscos: o chumbinho, a ostra, a lambreta, o siri e o catado de caranguejo.

É interessante observar a relação trabalho-estudo dos filhos de marisqueiras. Saber o nível da preocupação dos pais, se eles se importavam com a frequência dos filhos na escola, já que participavam tão ativamente das longas jornadas das mariscagens. Se os pais estimulavam o interesse nos filhos para que eles aprendessem outra profissão ou se o que predominava era o fato de saberem que “A maré taí!”. O que poderia significar dizer que, qualquer necessidade que eles viessem a ter, as águas salinenses estariam lá, com a riqueza extensiva desse fruto do mar, o chumbinho, que os supriria.

A respeito do cuidado com os filhos na escola e na mariscagem, Dona Francisca expõe sua preocupação:

Deixar em casa pra procurar confusão? Pra quando eu chegar ter confusão? Eu levava na minha frente. Eu só deixava quando era de noite. Quando eu saía daqui 4:00h da manhã, que eu chegava cedo, pra ainda acordar eles pra ir pra Escola, na maré de ponta. Mas quando não era maré de ponta era maré tardeira quem não fosse pra escola, ou quem fosse estudar de manhã, ia pra Escola, quem estudasse de manhã ia pra Escola, quem estudasse de tarde ia comigo (SANTOS, 2002).

Dona Francisca não tinha com quem deixar os filhos e por este motivo eles a acompanhavam durante as mariscagens. A maré de ponta é quando as águas vazam pouco, e isto ocorre pela manhã, bem cedo. Vazando pouco só ficam um pouco das areias descobertas propícias ao trabalho. A tardeira, é quando elas vazam normalmente e mais tarde. Esta não atrapalhava o sono dos filhos e sempre de acordo com o horário da escola, eles iam com ela para a maré. Neste depoimento é notável o cuidado da mãe com os estudos dos filhos em sintonia com o mundo do trabalho. Aliás, como em outros tempos e outros lugares, “A criança faz seu aprendizado das tarefas caseiras primeiro junto à mãe ou avó, mais tarde (frequentemente) na condição de empregado doméstico ou agrícola”(THOMPSON, 1998:17-18). A preocupação primeira era o estudo e, para que não ficassem em casa sozinhos, acompanhar as mães nas jornadas da mariscagem tinha também o significado de lazer para essas crianças. Nos locais do trabalho, encontravam-se com outras crianças filhos de outras marisqueiras que juntos, além de catarem os mariscos, brincavam nas areias e nas águas onde se divertiam.

Sobre esse assunto, são denunciadoras as memórias de Rose:

Mainha tinha essa preocupação, ela tinha essa preocupação. A gente mariscava na fase do inverno mesmo por necessidade, porque não tinha outra coisa pra fazer. Os meus irmãos todos acompanhavam a carreira de painho, de pedreiro, então na fase de inverno não tinha como conseguir trabalho porque o morador de Salinas ele mesmo dava um jeitinho de levantar suas paredes. Então, a gente tinha que esperar o pessoal vir de fora pra poder contratar os serviços de painho. Então, o que é que acontecia? Mainha tinha uma preocupação muito grande que nós só támos pra maré, se pudesse está em casa no horário de ir pra escola. Entendeu? Nunca aconteceu a gente perder aula porque tinha que está na maré. Nunca aconteceu. (CAETANO 2002).

Em momentos gritantes de ausência de recursos, quando os maridos não conseguiam arcar com as despesas da família, elas se empenharam para darem continuidade a vida e conseguir com zelo obter os mantimentos dos quais se favorecia toda a família. Contudo, nas lembranças de Rose acentua a preocupação da mãe com relação aos estudos dos filhos, e conseqüentemente, com o futuro deles: aprender a fazer crochê, frequentar as aulas de catecismo e participar dos atos da Igreja Católica. Quanto aos planos para o futuro, Rose diz que sempre pensou junto com os irmãos nunca ter que deixar Salinas, e sim viver do que a cidade lhes patrocinasse, pensava em crescer dentro de Salinas passando para outras pessoas o que aprendessem. Esses são valores defendidos por Rose e que sintetizam o pensamento comum de muitas marisqueiras. Valores que constituem o viver dessas mulheres e seus filhos e que não são “pensados”, nem “chamados” por quem quer que seja. Thompson disserta com minúcia este conceito de valor:

Os valores (...) são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas idéias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e “aprendidas” no sentimento) no “habitus” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria. (THOMPSON, 1981:194).

Os valores são produzidos e reproduzidos na prática social, emergindo nas individualidades como conteúdo de sua historicidade. Na vida de muitas marisqueiras e nos seus depoimentos, o valor básico da vida traz sempre à tona a conquista do alimento e o esforço para aprender sempre algo novo, de modo a ampliar os horizontes para além da cata de crustáceos nas praias.

Eram circunstâncias que marcaram a vida de muitas marisqueira, desamparadas por seus ex-companheiros, viúvas ou mesmo morando com seus maridos, passavam por envolvimento afetivos que muito as fizeram sofrer. Maria José, marisqueira, muito emocionada fez um desabafo do sofrimento que viveu quando casada.

Eu sofri muito com o casamento, muito. Eu preferi ficar sem ter onde dormir, sem ter, o que comer. Mas eu preferi ficar só. [...] Aí eu botei uma coisa em minha cabeça. Eu quero dormir com fome, mas quero deitar em meu travesseiro e acordar em paz e ir pra maré. E isso aconteceu! (COSTA, 2007).

Maria José conseguiu se separar do marido. Tentou algumas vezes através da justiça que ele ajudasse financeiramente na criação dos filhos, mas segundo ela, foram tentativas inúteis. Como não tinha mais para quem apelar resolveu sozinha assumir a família. O desabafo feito por esta marisqueira sintetiza o sofrimento de muitas outras que sem receber o devido valor de seus companheiros e ajuda para criação de seus filhos, encaravam na atividade de mariscar a motivação para continuarem sua trajetória. Em trechos do poema de Ademir Cerqueira da Cruz, morador de Salinas, essas mulheres são:

*Mulheres Guerreiras
[...] Passa fome, passa sede
Um sofrimento danado
É hora de retornar
Com aquele bicho pesado
Quando ela chega em casa
Encontra o marido mamado
[...] Essa sofrida mulher
Com coração apertado
Ainda será vítima
Desse marido malvado
Bateu na pobre coitada estava
Anestesiado[...] (CRUZ).*

Senhor Ademir poeta, morador e professor de Salinas demonstrou, através das conversas e do seu poema, ser um homem consciente da exploração que muitas marisqueiras sofriam dos maridos. Essas relações estavam longe de sinalizarem a essência do amor, não havia respeito, amizade, afeto, companheirismo, reconhecimento pelo que elas eram e faziam. Para Perrot viviam “as heroínas domésticas, pelos seus sofrimentos, sacrifícios e virtude, restabelecem a harmonia do lar e a paz da família. Elas têm o poder – e o dever – de agir bem.” (Perrot,2001:181). Recaiá para as mulheres o ônus pela manutenção, em largo sentido, da harmonia no lar. Como mostrou o poema, apesar do esforço que muitas marisqueiras faziam para realizar as tarefas cotidianas, elas foram vítimas da violência em seus próprios lares. Sofriam no físico e no psicológico as dores da humilhação de não serem respeitadas da sua condição de ser humano e de ser mulher.

No entanto, muitas marisqueiras não eram tão passivas quanto a realizarem sozinhas as tarefas do lar, pois elas atuavam no mercado de trabalho, participavam do orçamento familiar e, dessa forma, também se esgotavam tanto quanto seus maridos e, além disso tinham que desempenhar as obrigações de casa sem nenhuma ajuda. Nair Gonçalves faz uma abordagem ao que se refere à conscientização da mulher quanto ao seu valor na família e na sociedade.

O papel da mulher já é, e continuará sendo, cada vez mais, lutar pelo seu espaço na família e na sociedade. Lutar pelo seu espaço não significa declarar guerra aos homens. Ao contrário, significa proporcionar que cada um seja inteiro no espaço que ocupa e, o que é muito importante, passar essa atitude frente à vida para as gerações futuras. (GONÇALVES, 2001: 9).

Gonçalves faz um comentário ao mesmo tempo em que lança uma diretriz conscientizadora para o homem e para a mulher. À mulher, ela estimula a não querer ser melhor do que o homem, e sim buscar o melhor para si própria, para a família, para a sociedade e deixar marcas positivas de um caráter sensato para o futuro dos que virão. Ao homem ela faz uma abordagem sugerindo não temer a aproximação e a permanência cada vez maior da mulher em espaços antes considerados do homem. Ao que tudo indica, essa é a posição de muitas mulheres marisqueiras salinenses que conquistam seu espaço. Elas manifestam o melhor de suas habilidades, não com o fim de sublevar-se ao homem, e sim pelo fato de ter a satisfação de poder contribuir financeiramente na renda

familiar, ser um sustentáculo na tradição de seu povo e participante ativo na marcha da história.

Dona Amor, apesar de ser casada, ela demonstrou não ter tido do marido nenhuma ajuda para a criação dos filhos. O dinheiro que ele obtinha era usado para pagamento das bebidas que consumia. Da sua vivência ela trouxe outro exemplo forte:

Eu tive uma menina, essa aí que tem essa filhinha aí. Eu tive ela dentro, quase dentro da maré. Porque eu fui mariscar numa barriga grande [risos] quando eu cheguei lá na maré não tava sentindo nada, marisquei a minha vontade. Quando vir, na hora de vir embora, todo mundo veio embora eu fiquei lá sozinha pra trazer uma canoa que vinha com marisco. Canoa foi essa que a maré veio enchendo e eu fiquei arrastando a canoa até cá no local de ficar, da botar a canoa no lugar. Olho pra um lado, olho pro outro, vinha um rapaz longe em outra canoa. Aí eu esperei ele chegar. Esperei ele chegar para botar, infincar a canoa que infica numa vara para poder a canoa ficar presa e não sair dali com a maré enchendo. Minha senhora, daqui a pouco bateu uma dor eu com uma barrigona cheguei, assim sentei. Sentei. Mas... Quando sentir a dor eu fiquei parada, mas... sozinha ali. Eu disse poxa eu já tô com dor de ter menino! Aí tava com aquela dor e com fome. Quando a dor dava, eu parava, quando a dor parava eu corria. Quando a dor dava eu corria, corria um tanto bom. Quando chegava uma certa quantidade do caminho a dor dava de novo, sentava. Chegava ali ficava até ela passar. Minha senhora que quando eu vinha correndo que dava pa correr mesmo eu chegava aqui azuando. Quando fui chegando ali na porta eu já fui logo gritando bota água no fogo, que eu não ia tomar banho frio. Bote água no fogo e bote a minha comida no prato. Comi. Quando acabei de comer tomei um banho e mandei as meninas arrumar a sacola pra ir pra maternidade (RAMOS, 2007).

A narrativa reafirma as dificuldades vividas pelas marisqueiras, inclusive nas últimas horas antes de dar à luz a uma nova vida. Dona Amor carregava em seu ventre o peso da barriga, as dores do parto e a angústia de estar sozinha naquela situação. Mesmo desamparada foi capaz de reunir forças para conseguir sair da maré e ir ganhar o seu bebê, que também já lutava para ganhar o mundo. Mesmo com toda aflição que passava em uma situação como essa, era um alento muito bom poder contar com a gratuidade da natureza que ofertava diariamente os alimentos para ela e para a sua família.

Assim, ocorre também com Floraci. Em suas palavras surgem explicações de como conseguiu burlar os costumes do mundo da pescaria onde o mar é de primazia masculina e foi para esse espaço em busca de suprimentos.

Eu pesco siri, pesco peixe, camarão e marisco. Marisco também ostra. É! Tudo do mar eu faço. [...] Agora o que eu mais gosto mesmo de fazer, é pescar o siri de gaiola. Pesco peixe que eu tenho rede, ai a gente pesca, tenho tarrafa, tenho tudo (SOUZA, 2007).

A forma como Floraci buscou o seu sustento e o sustento dos seus, se diferencia um pouco do habitual das demais mulheres da camada popular salinense. Ela pesca desde os nove anos de idade, com o tempo preferiu desenvolver essa atividade sozinha. Com muita dificuldade conseguiu concluir os estudos até o ensino médio. Ingressou na faculdade, porém por dificuldades financeiras não conseguiu concluir o curso de pedagogia. Solteira, mãe de dois filhos teve que abandonar os estudos para poder dar sustento a casa. Floraci com orgulho de se própria falou que além da mariscagem com o chumbinho pratica também outras pescarias. Vai ao manguezal e para o mar e de lá traz o que é possível trazer. Consciente de sua perspicácia com o manejo dos apetrechos que envolvem o mundo da pescaria, não se intimida em enveredar-se por caminhos que são prioritariamente habitados pelos homens. De posse de sua canoa e da gaiola ela rema nas águas salinenses para fazer o que disse mais gostar, que é a pesca do siri. A gaiola a qual ela fez referência é uma espécie de armadilha de cipó que são lançadas na maré a certa distância da margem para capturar o siri.

Floraci confessou ter ido algumas vezes à Prefeitura Municipal em busca de emprego. O seu interesse era conseguir um trabalho que lhe fornecesse alguns direitos trabalhistas como um salário fixo, férias, décimo terceiro e outras vantagens. Com o semblante calmo no momento em que conversava, relatou que suas investidas para conseguir um trabalho que lhe trouxesse tais direitos não deram certo. Bastante a vontade disse que a funcionária da prefeitura que sempre a recebia, costumava a lhe perguntar se realmente iria valer a pena para ela trocar a liberdade que tinha no ambiente da pescaria, por um ambiente fechado sujeita as intrigas de colegas, tendo que respeitar os horários impostos e a outras situações que ela não estava acostumada.

Floraci disse que meditava sobre essas palavras e só conseguia ver a maré a esperar por ela e por seus colegas pescadores, com os quais mantinha um relacionamento harmonioso. Naturalmente ela obedecia aos horários das marés, a força e o capricho da natureza quando se manifestava através dos ventos, chuvas, tempestades e quando a fazia voltar para casa sem o fruto da pescaria. Diante da realidade que vivia

e das desventuras que um trabalho ao modelo capitalista poderia trazer para ela, Floraci se convencia a continuar no trabalho de pescar siri. As palavras dela denotam possibilidades do que pode ser para essas pessoas a vantagem de não ter um trabalho no modelo que o mercado impõe.

A vida de Floraci, Cleide, Rosangela, Francisca é como a de muitas mulheres de Salinas da Margarida, que desamparadas por seus ex-companheiros, viúvas ou mesmo morando com seus maridos e os seus pais, não medem dificuldades na luta pela sua sobrevivência e de seus entes queridos. Um recorte da história de vida dessas mulheres que anuncia reflexões sobre o lugar da oralidade ao propiciar aos agentes históricos tornarem suas estratégias de sobrevivência conhecidas mediante suas próprias palavras.

FONTES

Acervo Consultado:

IBGE – Pesquisa de Orçamentos Familiares.

Fontes orais:

Floraci Pereira de Souza. 28 anos de idade, marisqueira, residente em Porto da Telha. Salinas da Margarida. Entrevistada em 9 de Junho de 2007.

Francisca de Jesus Santos (D.Elza), 58 anos de idade, ex-marisqueira, residente em Porto da Telha. Salinas da Margarida. Entrevista em 31 de maio de 2002.

Heloisa Marcelina Ramos (Dona Amor), marisqueira, 70 anos de idade, residente em Salinas da Margarida. Entrevistada em 25 de setembro de 2007.

Maria José Caldas Costa. Marisqueira, residente em Salinas da Margarida. Entrevistada em 4 de outubro de 2007.

Raimundo Nonato Ferreira, 84 anos de idade, ex-funcionário da Companhia Salinas da Margarida, residente em Salinas da Margarida. Entrevista em 7 de junho de 2003.

Rosangela Áurea Caetano (Rose), 34 anos de idade, ex-marisqueira, comerciante, residente em Salvador. Entrevista em 15 de fevereiro de 2003.

Poema:

CERQUEIRA, Cruz, Ademir da. *Mulheres Guerreiras*.

Referências bibliográficas

- CUNHA, Tânia Rocha Andrade. A mulher chefe de família e o fenômeno da violência. In: *Politeia: história e sociedade/* revista do departamento de história da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- V. 1 n 1 (2001). Vitória da Conquista - Bahia: edições UESB, 2001.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- GONÇALVES, Nair Teresinha. Escutando a voz das mulheres. In: STREY, Marlene Neves et al (Orgs). *Construções e perspectivas em gênero*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2001.
- PERROT, Michelle. *Os Excuídos: operários, mulheres, prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- THOMPSON, Edward P. *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros*. Zahar, Rio de Janeiro: 1981.
- _____. *Costumes em Comum; estudos sobre a cultura popular tradicional*. Companhia das Letras, São Paulo: 1998.
- SILVA, Gláucia Oliveira da. Água vida e pensamento: um estudo de cosmovisão entre trabalhadores da pesca. In: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.) *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000.